

## A PLASTICIDADE ERÓTICA DA FIGURA FEMININA

Maria Aparecida Meyer Nascimento  
UFRJ

Pronunciamentos?  
Fadados, dilacerados  
em corpos liberados e encantados.  
Corpos de um ser  
na plasticidade erótica do meu ser.<sup>1</sup>

Na história da humanidade registram-se vestígios de um tempo, em que o homem vivia a integração com a natureza. No andar da carruagem histórica, surge a figura feminina, espocando um lumiar no conjunto de idéias basilares, vigas-mestras do prédio metafórico dos fundamentos civilizacionais. Ela emerge dos objetos encontrados no período paleolítico ou das primeiras esculturas descobertas na Mesopotâmia. Inscrições de um tempo em que era venerada, refletindo o céu no espelho úmido das suas ondas corporais, expressão de sua natureza divinal. Inscrições gravadas no ego arcaico, retidas no inconsciente coletivo, que representam a mulher a partir da ambivalência registrada na clivagem do ego. Essas insculpturas serviram de inspiração para a arte modernista, emergindo, portanto, um modelo que atravessa os séculos na eternização de algo que desperta o sentimento estético.

O erotismo está presente na literatura e na arte desde a antigüidade, manifestando-se como transgressão de moralismos. É um "ir além de si mesmo", superando a descontinuidade que condena o ser humano. Para Bataille, o erotismo é uma experiência interior, na medida em que seu sentido está em conduzir o indivíduo a um estado, no qual o silêncio substitui o discurso.

O erotismo deixa entrever o avesso de uma fachada cuja aparência correta nunca deve ser desmedida: no avesso revelam-se sentimentos, partes do corpo e maneiras de ser de que temos habitualmente vergonha.<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> NASCIMENTO, Maria Aparecida Meyer. *Reflexo erótico*. Juiz de Fora: [www.aparecidameyer.com](http://www.aparecidameyer.com), Poemas, 2002.

<sup>2</sup> BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2ª ed. Porto Alegre: L&PM, 1987.

O corpo, no intercâmbio sensorial, destila narrativas de invenção do outro, intensificadas pela expectativa da reciprocidade de afetos e sensualidade, de ausência e presença. Neste sentido, o corpo feminino tem textos que brotam das emoções, guarda complexidades e cantos secretos, que buscam interpretações. É um texto de cultura formado por territórios-tabus num recriar de novos textos. Texto-poder, texto-calendário, texto-pictórico são comoções da articulação entre ações, registros, palavras e imagens, testemunhos entre a literatura e a pintura.

As expressões artísticas contemporâneas constroem relações de fruição, visto que toda arte é uma experiência emocional. O poeta descreve, no papel, aparência de formas, reais ou imaginárias, insere no processo discursivo uma gama de significados, como uma reinvenção de saberes.

Em *A metafísica do corpo*, Drummond configura a linguagem sensível para traduzir a complexidade dos processos corporais do ser feminino, anunciando novos arranjos para o seu conhecimento: o sentido estético.

A metafísica do corpo se entremostra  
nas imagens. A alma do corpo modula  
em cada fragmento sua música  
de esferas e de essências  
além da simples carne e simples unhas.<sup>3</sup>

Freud postula que a pulsão sexual muda de via por sua deslocalidade, satisfazendo-

---

<sup>3</sup> ANDRADE, Carlos Drummond de. *A metafísica do corpo*. In: *Corpo*. 16ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 17.

se com outros alvos e com outros objetos. Os investimentos objetais são transformados em identificações. Nessa passagem, a libido se dessexualiza e possibilita novas inserções, dependendo da relação entre as pulsões e a consciência do ego.

A transformação da libido do objeto em libido narcísica, que assim se efetua, obviamente implica um abandono de objetos sexuais, uma dessexualização — uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetual sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo.<sup>4</sup>

Assim, o corpo feminino como projeção, como forma de espelho, através do qual vigia a sua própria imagem, permite ter a sua mesmidade alterada. Neste reconhecimento se desafia, face ao potencial de experimentar novos desejos; transcende toda a lógica sexual, deixando de se opor a um mundo exterior.

Em *Cariátide* (FIG.1)<sup>5</sup>, o erotismo circunscreve o corpo feminino nos seus estados essenciais, remarcando o conhecimento da sexualidade erigível. O gesto de espreguiçar reporta-nos à idéia de despertar: o despertar da sedução, de um prazer maior inerente àquele corpo. O processo imagístico de Amedeo Modigliani se manifesta pela redescoberta de um olhar, ângulo de registro do sensual, revelador do insólito e das fontes melódicas das deusas da graça. A pressuposta imagem da "virgem de Cariai", serva de Vênus, tem olhos fechados, mas remete expressamente ao exame vivaz do observador, que perfaz, através do seu olhar, a relação intensa entre seus diversos planos e a realidade. Ela digere o espaço na sua aparência e, pelos meandros do corpo, explora novas sensações que culminam em sinais sedutores trivialescos. Seus aparentes movimentos perfectíveis despontam algo mais, senão desejos ainda ofuscos no corpo idílico de mulher.

---

<sup>4</sup> FREUD, Sigmund. *O ego e o id*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

<sup>5</sup> KRYSTOF, Doris. *Modigliani*. Köln: Taschen, 2000, p. 63.



*Cariátide, 1913-1914*

Na poesia, está a genialidade do leitor, que retira da visão do cotidiano, uma existência outra, abissal e desconhecida. Nela, a plasticidade da figura feminina vem diafanizar as formas do intuir, despertar remanescentes fantasias da sensualidade originária, acirrando o desejo de fruição do prazer sob um olhar de quem observa a vida calmamente pelas lentes de uma câmera.

Em cada silêncio do corpo identifica-se  
a linha do sentido universal  
que à forma breve e transitiva imprime  
a solene marca dos deuses  
e do sonho. ANDRADE (2002), p. 17

A corporeidade nos abre o acesso ao mundo, num desejo incomensurável de transcendência. Nela se misturam o sublime e o grotesco, o maravilhoso e o ímprobo. Trata-se de uma visão projectiva, singularizada em cada outro que se produz pela diferença. A bizarria do

corpo propicia-nos desnudar as suas partes ocultas e dirigir certa parte da libido para metas artísticas, dissimulando a fenda existente no sexo feminino.

A mulher desmitifica alguns mitos, lugares-comuns, modelos explicativos sobre a sua feminilidade; promove a união no sentido da vida e possui o dom indispensável para instalar a diferença. Ela compõe a teia de sua narrativa inacabada. E o desejo cumulado ressurgue sob sedução articuladas na realidade, sem um objeto que o aplaque mas que desperte o outro. E tecendo infindavelmente o prazer, realiza o traçado do seu corpo, entre fios da mente e da pele. "A própria natureza parece ter proporcionado o modelo que essa realização imita, causando o crescimento, na maturidade, dos pelos pubianos que escondem os genitais. O passo que faltava dar era enlaçar os fios, enquanto, no corpo, eles estão fixos à pele e só se emaranham".<sup>6</sup>

E o seu tecer continua, inscrito no cerne da palavra onde ela é, também, corpo. Corpo de mulher, corpo de um texto, história no texto, texto barthesiano, como algo que se faz e que confere relevância ao fenômeno da ambigüidade da obra literária devido à pluralidade de seu sentido.

O brio do texto (sem o qual, em suma não há texto) seria *a sua vontade de fruição*: lá onde precisamente ele excede a procura, ultrapassa a tagarelice e através do qual tenta transbordar, forçar o embargo dos adjetivos — que são essas portas da linguagem por onde o ideológico e o imaginário penetram em grandes ondas.<sup>7</sup>

Nesta vertente, a apresentação do corpo, dentro de uma determinada forma, se constitui em um sistema de signos que operam com a voluptuosidade e experimentam o sensual, privilegiando o eixo poético com seus fragmentos metafóricos e propiciando o prolongamento da sexualidade. É a mulher-linguagem sob versos, conservada na esfera da idealização, sendo

---

<sup>6</sup> FREUD, Sigmund. *A feminilidade*. In: Obras completas. V. 22. Rio de Janeiro: Imago, 1933, p. 162.

<sup>7</sup> BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. 5ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1973, p. 21.

assim, preservada como mito de unicidade do mundo. Aflora algo teluriano, já que é planta, e algo abíssico, já que é mar.

Entre folhas, surpreende-se  
na última ninfa  
o que na mulher ainda é ramo e orvalho  
e, mais que natureza, pensamento  
da unidade inicial do mundo:  
mulher planta brisa mar,  
o ser telúrico, espontâneo,  
como se um galho fosse da infinita  
árvore que condensa  
o mel, o sol, o sal, o sopro acre da vida. ANDRADE (2002), p. 17.

A arte é uma experiência emocional fundamentada no contínuo vagar do inconsciente. A sua história integra-se na história geral da cultura e da civilização. Não é o produto de algumas culturas evoluídas, mas de todas as culturas. Embora o cubismo recuse qualquer ascendência histórica, propõe-se como protagonista de uma nova e vera interpretação dos fatos históricos. Considerando-se que a arte contém um núcleo vital, a arte do si em si, poder-se-á dizer que ela é uma atividade que introduz palavras-imagem na moldura social. Em *Les demoiselles d'Avignon* (FIG.2)<sup>8</sup>, Pablo Picasso instila o toque de coisa insinuada e por adivinhar, de ofertas e negaças, de pernas e seios entremostrados, braços disformes e cotovelos ponteagudos, nervuras faciais que remetem a máscaras africanas, estruturação plástica retomada da escultura negra. Trata-se de uma cena de bordel, em que o cortinado azul não é panejamento, mas desnudamento da realização vicária de um erotismo evidente.

---

<sup>8</sup> RAYNAL, Maurice. *Picasso*. Paris: Editions d'Art Albert Skira, 1953, p. 40.



*Les demoiselles d'Avignon, 1907*

O movimento da poesia se abre ao êxtase e ao erotismo, vislumbrando textos de fruição retirados do inconsciente acolchoado. Múltiplos espaços, tempos e corpos interpolam leituras, numa linguagem deslimitada. A interpretação conquista devires, fazendo fluir novas vozes, na tendência de um desdobramento sedutor. Diz, enfim, Drummond:

De êxtase e tremor banha-se a vista  
ante a luminosa nádega opalescente,  
a coxa, o sacro ventre, prometido  
ao ofício de existir, e tudo mais que o corpo  
resume de outra vida, mais florente,  
em que todos fomos terra, seiva e amor.

Eis que se revela o ser, na transparência  
do invólucro perfeito. ANDRADE (2002), p. 18.

Pelas sendas literária e pictórica, encontra-se na poesia e na pintura algo substancialmente poético sobre a figura feminina, proveniente das profundezas do imaginário. Nelas apercebe-se, também, rastros de feminilidade exótica, oriundos de uma concepção dualista de mundo: matéria e espírito, coisas e espaço.

Portanto, percorrendo pelos caminhos da arte, percebe-se que ela se assemelha a um cientista que, através de uma restauração arqueológica dos códigos e condições, insere novos sentidos à plasticidade das imagens e da escritura.